

MERCADOS

João Cortesão



O valor depositado nos bancos em Portugal cresceu, em julho deste ano, 7,2%, o que representa o ritmo mais elevado desde maio de 2021.

POUPANÇA

Inflação corrói 16,6 mil milhões aos depósitos

As famílias em Portugal tinham, no final de julho, 182,7 mil milhões de euros depositados nos bancos com retornos financeiros nulos. No mesmo mês, a taxa de inflação no país fixou-se em 9,1%, o que significa que este dinheiro parado está a perder valor em termos reais.

LEONOR MATEUS FERREIRA
leonorferreira@negocios.pt

A subida da inflação corrói o valor do dinheiro não só no que diz respeito aos salários, mas também às poupanças. Com quase 183 mil milhões de euros depositados nos bancos, com um rendi-

mento financeiro nulo, as famílias estão a ser penalizadas pela escalada dos preços.

No final de julho, os particulares tinham depositado nos bancos residentes 182,7 mil milhões de euros, o valor mais elevado de sempre, que representa um aumento de 7,2% face ao mesmo mês de 2021, de acordo com um relatório divulgado na sexta-feira pelo Banco de Portugal. No mesmo mês, a inflação homóloga fixou-se em 9,1%.

Neste cenário, o montante to-

tal dos depósitos vale agora menos 16,6 mil milhões de euros, em termos reais. "Quem está a ser mais penalizado pela inflação é o aforrador. Não vê o saldo da conta a diminuir, mas há uma perda real do poder de compra", explica Filipe Garcia, economista e presidente da IMF - Informação de Mercados Financeiros. "Quem tem dinheiro nos depósitos deve, por isso, fazer uma reflexão sobre a forma como aplica as poupanças."

A pandemia foi uma altura de

Baixos retornos deixam depósitos à mercê da inflação. Mas ativos de risco também não têm sido atrativos para o aforro.

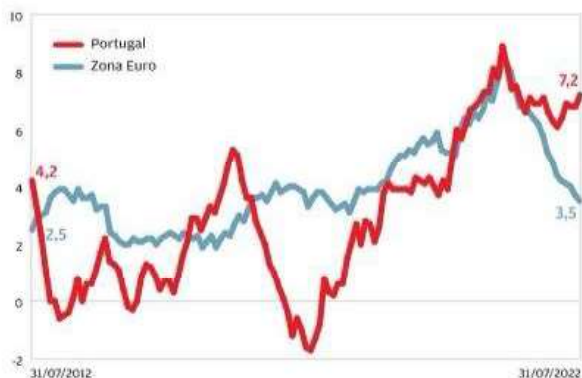
especial crescimento das poupanças devido ao impedimento de consumir associado ao receio sobre o futuro, tendo a taxa de poupança em Portugal atingido o máximo histórico 14,7% do rendimento disponível no final do primeiro trimestre 2021. Desde então tem vindo a aliviar, tendo-se fixado em 8,3% no final de março. E a maior parcela deste montante que vai sendo posto de lado vai para depósitos bancários.

"Tipicamente quando há incerteza, há poupança precaucio-

DEPÓSITOS CRECEM HÁ CINCO ANOS

Taxa de variação anual dos depósitos de particulares, em percentagem

Desde outubro de 2017 que as poupanças depositadas nos bancos têm vindo a crescer todos os meses. Em julho deste ano, o ritmo de aumento foi de 7,2%, o mais rápido desde maio de 2021. Estavam no final do mês passado 182,7 mil milhões de euros das famílias guardados em depósitos.



Fonte: Banco de Portugal

182,7

MIL MILHÕES

As poupanças dos portugueses paradas nos depósitos bancários atingiram, em julho, um novo recorde aproximando-se dos 183 mil milhões.

nária. Foi um fenómeno que se sentiu durante o resgate da troika, agora há a inflação e a guerra. Antes havia a covid, quando também não se podia consumir. Para perceber estas dinâmicas é preciso olhar para o consumo e para o investimento privado também. O aumento dos depósitos pode significar que estão a precaver-se", considera o economista Pedro Brinca.

O investigador da Nova SBE ressalva, no entanto, que os depósitos em recorde refletem uma ilusão monetária por via dos efeitos do crescimento económico e da inflação. Se as poupanças das famílias aumentam menos do que a riqueza que é criada no país, então significa que os particulares estão a pôr de lado uma parcela menor dos seus rendimentos.

Opções pouco atrativas juntam-se a conservadorismo
Os economistas consultados pelo Negócios são consensuais sobre os efeitos da inflação nas poupanças dos portugueses. "Num cenário de grande inflação, ter dinheiro parado é estar a perder valor", resume Pedro Brinca.

Apesar desta realidade, o histórico do país mostra que os aforradores portugueses tendem a adotar uma postura mais conservadora do que os restantes países europeus, deixando o dinheiro em depósitos ou em investimentos financeiros com pouco risco.

"A forma como se aplicam as poupanças deve ser motivo de reflexão", defende Filipe Garcia, explicando que - à parte de um fundo de emergência para fazer face a despesas inesperadas - não deve ser deixado todo o aforro à mercê da corrosão do valor do dinheiro por via da inflação. Ainda assim, sublinha que a inversão das taxas de juro pelos principais bancos centrais deixou as bolsas pouco atrativas neste momento (a generalidade está negativa no acumulado do ano, sendo o português PSI uma exceção).

Aproveitar para amortizar dívidas ou procurar o imobiliário, que beneficia com a inflação, podem ser opções neste cenário. "A situação não está fácil. As opções para os aforradores colocar em as suas poupanças tendo ganhos não são muitas", acrescenta o presidente da IMF.

Receio das empresas põe crédito a crescer ao ritmo mais lento desde a covid

No final de julho, o montante de empréstimos dos bancos às empresas era de 76,8 mil milhões de euros. Cresceu 1,6% face ao mesmo mês de 2021, o valor mais baixo desde março de 2020.

As empresas portuguesas estão a dar sinais de receio sobre o futuro, com o recurso ao crédito a crescer ao ritmo mais lento desde o início da pandemia. A desaceleração é ainda mais expressiva entre as pequenas e médias empresas (PME).

No final de julho, o montante de empréstimos concedidos pelos bancos às empresas era de 76,8 mil milhões de euros, de acordo com os últimos dados divulgados na sexta-feira pelo Banco de Portugal. O valor representa um crescimento de 1,6% em relação a julho de 2021 e é o valor mais baixo desde março de 2020.

"A quebra está relacionada com a falta de confiança dos empresários relativamente ao futuro", considera Filipe Garcia, economista e presidente da IMF - Informação de Mercados Financeiros. "Significa na prática que as empresas estão a preferir não se endividarem. Uma das formas de aliviar o fardo da subida dos juros é reduzir

o endividamento", sublinha, lembrando que a quebra nos indicadores de confiança de empresários e consumidores a nível nacional e internacional.

O ritmo de crescimento dos empréstimos às famílias tem vindo a desacelerar desde o pico em fevereiro de 2021 (quando disparou 11,1%). Em sentido contrário, o crédito na Zona Euro avança de forma consistente há quase um ano.

A desaceleração verificada no país em julho foi transversal a todas as classes de dimensão das empresas e mais expressiva nas pequenas e grandes empresas, refere o Banco de Portugal. No caso das grandes empresas, a taxa de variação anual foi de 0,2%, que compara com 3,6% no mês anterior.

Sobre esta diferença, Filipe Garcia alerta para o risco de que as empresas que mais precisam sejam a que têm menor acesso ao crédito. Em qualquer caso, o presidente da IMF considera que não há um aperto significa-

tivo por parte dos bancos, mas sim uma retração das empresas. "A desaceleração dos empréstimos não é um tema da oferta. É da procura", acrescenta.

Em depósitos, as empresas tinham 63,3 mil milhões de euros nos bancos no final de julho, mais 11% do que em julho de 2021. O "stock" cresce menos há quatro meses consecutivos, o que poderá sinalizar um recurso às poupanças em alternativa a procurar crédito.

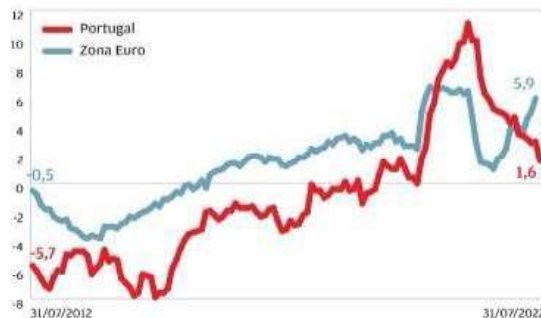
Já no segmento das famílias, o montante total de empréstimos aos particulares para habitação cresceu 4,8% em relação a julho de 2021, para 99,5 mil milhões de euros. Estes empréstimos tinham registado uma evolução semelhante no mês anterior. Para consumo, o valor dos empréstimos às famílias foi de 20,3 mil milhões de euros, similar ao de junho, o que representa um crescimento de 5,5% por comparação com julho de 2021.

LEONOR MATEUS FERREIRA

PORTUGAL EM CONTRACICLO COM A EUROPA

Taxa de variação anual dos empréstimos às empresas, em percentagem

As empresas da Zona Euro têm vindo a acelerar o recurso ao crédito bancário nos últimos meses, uma tendência contrária em Portugal. Desde o pico de fevereiro de 2021 que o crescimento alivia no país.



Fonte: Banco de Portugal

76,8

EMPRÉSTIMOS

Os empréstimos a empresas totalizavam 76,8 mil milhões de euros em julho.

63,3

DEPÓSITOS

As empresas tinham depositado nos bancos 63,3 mil milhões no final do mês passado.